

Referências Bibliográficas

ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (orgs.) (2005) **Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fund. Perseu Abramo.

ALMEIDA, Ana Maria F. de. M^a A. & NOGUEIRA (orgs.). (2002) **A Escolarização das Elites – Um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de (2012). Crianças, Classe Social e Trabalho Pedagógico na Creche. **Anais da 35ª Reunião Anual da Anped**. Porto de Galinhas/PE. Disponível em: <http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT14%20Trabalhos/GT14-2329_int.pdf>. Acesso em 13 de fev. 2013.

ALVES, M. T. Gonzaga & FRANCO, C. (2008). A Pesquisa em Eficácia Escolar no Brasil. Evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. In: BROOKE, N. & SOARES, J. F (orgs.). **Pesquisa em Eficácia Escolar. Origens e Trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ALVES, M. T. G. & SOARES, J. F. (2007). Efeito-escola e estratificação escolar: o impacto da composição de turmas por nível de habilidade dos alunos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45, p. 25-58.

ALVES, F. (2010). Escolhas familiares, estratificação educacional e desempenho escolar: quais as relações? **Revista Dados**, vol. 53, p. 447-468.

ARIÈS, P. (1981). **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC Editora.

BARBOSA, M. L. O.; RANDALL, L. (2004). Desigualdades sociais e a formação de expectativas familiares e de professores sobre o desempenho escolar de alunos do ensino fundamental. **Cadernos do CRH**, Salvador, v. 17, n. 41, p. 289-309.

BARBOSA, M. L. de Oliveira. (2011). **Desigualdade e Desempenho**. Uma introdução à sociologia da escola brasileira. Belo Horizonte: Fino Traço Editora.

_____; SANT'ANNA, M. J. Gabriel (2010). **As Classes Populares e a Valorização da Educação no Brasil**. In: RIBEIRO, L. C. de Q., KOSLINSKI, M. C., ALVES, F. e LASMAR, C. (orgs.). Desigualdades urbanas, desigualdades escolares. Rio de Janeiro: Editora Letra capital.

BERNADO, E. (2008). **Composição social e cognitiva de turmas e desempenho em Leitura e Matemática:** como evoluem as desigualdades educacionais? Doutorado em Educação. 202 f. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BONAMINO *et al*, (2010). Os efeitos das diferentes formas de capital cultural no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e Coleman. **Revista Brasileira de Educação** (Impresso), v. 15, p. 487-499.

BOURDIEU, P. (2011a). **Escritos de Educação.** NOGUEIRA, M. Alice e CATANI, Afrânio (orgs.). Rio de Janeiro: Ed. Vozes.

_____ (2011b). (coord.). **A Miséria do Mundo.** Petrópolis: Ed. Vozes.

_____ (2009). **O Senso Prático.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes. Trad. Maria Ferreira e Luiz OdaciCoradini.

_____ (2007a). **Meditações Pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Trad. Sergio Miceli.

_____ (2007b). **A Distinção. Crítica Social do Julgamento.** São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: E. Zouk. Trad. Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira.

_____ (2007c). **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo: Perspectiva.

_____ (2004). **Coisas Ditas.** São Paulo: Ed. Brasiliense.

_____ (1996). **Razões Práticas. Sobre a teoria da ação.** Trad. Mariza Côrrea. Campinas/SP: Papyrus.

_____ (1989). **La Noblesse d'État.** Grandsécoles e esprit de corps. Paris: Ed. Minuit.

_____ (1980). **Le Sens Pratique.** Paris: Minuit.

BRANDÃO, Z.; CANEDO, M^a. L.; XAVIER, A. (2012). Construção solidária do *habitus* escolar: resultados de uma investigação nos setores público e privado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 49.

BRANDÃO, Z. ; PAES DE CARVALHO, C. (2011). Processos de Produção das Elites Escolares. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 115, abr-jun, p. 507-522.

BRANDÃO, Z.; CANEDO, M^a. L.; XAVIER, A. (2010). Family and school in solidary construction of student habitus. In: **XVII ISA World Congress of Sociology**, Gothenburg, Suécia. Sociology on the move.

BRANDÃO, Z. (2010). Práticas Cotidianas na escola e na família. Hipóteses sobre a constituição de habitus escolares. Anped. 33º encontro: Educação no Brasil: balanço de uma década. Caxambu/MG. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT14-6304--Int.pdf>>. Acesso em 18 de fev. 2013.

BRANDÃO, Zaia. (2009). **Contextos Institucionais e a Construção da Qualidade do Ensino**. FAPERJ: Projeto de Pesquisa.

BRANDÃO, Zaia. (2008). Os jogos de escalas na sociologia da educação. In: **Educação e Sociedade**, vol. 29, n. 103, mai/ago, p. 607-620.

BRANDÃO, Z. (2007). **A produção das elites escolares: escolas, famílias e cultura**. *Cad. CRH*, Abr, vol.20, no.49, p.15-22. ISSN 0103-4979.

BRANDÃO, Z.; MARTINEZ, M. E. (2006). Elites Escolares e Capital Cultural. **Boletim SOCED**, n. 3, p. 1-19.

BRANDÃO, Zaia, MANDELERT, D. e PAULA, L. de. (2005). A circularidade virtuosa: investigação sobre duas escolas no Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, vol.35, no.126, p.747-758.

BRANDÃO, Z. (2005). Desatenção ou novos estilos de cognição? **Boletim SOCED**, n. 1, *pre-print*. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/soced.php?strSecao=input>>. Acesso em: 16 de out. 2012.

BRANDÃO, Z. ; LELIS, I. (2003). Elites Acadêmicas e Escolarização dos Filhos. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 509-526, agosto.

BRESSOUX, P. (2003). As pesquisas sobre o efeito-escola e o efeito-professor. In: **Educação em Revista**. Revista da Faculdade de Educação da UFMG. Trad. Isabel Cristina Rabelo Gomes. Belo Horizonte, nº 38, dez., p.17-88.

BROOKE, N. e SOARES, J. F. (2008) **Pesquisa em Eficácia Escolar. Origens e Trajetórias**. Belo Horizonte: EdUFMG.

BURGOS, M. Baumann. (2012). **Escola pública e segmentos populares: o desafio do encontro em um contexto de construção institucional da democracia**. Rio de Janeiro, *no prelo*.

CANÁRIO, R. (1996). Os estudos sobre escola: problemas e perspectivas. In: BARROSO, João (Org.). **O estudo da escola**. Portugal: Porto Editora.

CANCLINI, N. (2008). **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras.

CANEDO, M. L. (2011). Famílias e Escola: uma relação em transformação frente aos desafios da sociedade contemporânea. **Anais da 34ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Educação - ANPED**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/app/webroot/34reuniao/images/trabalhos/GT14/GT14-268%20int.pdf>> Acesso em nov. de 2012.

_____ (2009). **Famílias e Escola: agentes solitários ou solidários na construção da educação de qualidade para as novas gerações?** Projeto de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Departamento de Educação.

CARVALHO, M. E. P. (2004). Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, pp. 94-104.

CHOMSKY, N. (2006). **Linguagem e Mente**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP.

CICOUREL, A. V. (2007). As manifestações institucionais e cotidianas do *habitus*. Tradução de Sergio Miceli. In: **Tempo Social**. v. 19, n. 1, p. 169-188.

COLEMAN, J. S. *et al* (1966). Desempenho nas escolas públicas. In: BROOKE, N. e SOARES, J. F. (2008) **Pesquisa em Eficácia Escolar. Origens e Trajetórias**. Belo Horizonte: EdUFMG.

COLLINS, R. (2009). **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed Vozes.

COLLINS, R. (2000). Situational stratification: a micro-macro theory of inequality. **Sociological Theory**, San Francisco, v. 18, n. 1, p. 16-43.

COOKSON JR, P. W. & PERSELL, C. H. (1985). **Preparing for the Power: America's Elites Boarding Education**. New York: Basic Books.

COSTA, M.; KOSLINSKI, M. C. (2012). Escolha, estratégia e competição por escolas públicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 195-213.

COULANGEON, P. (2007). Lecture et télévision. Les transformations du rôle culturel de l'école à l'épreuve de la massification scolaire. **Révue Française de Sociologie**, v. 48, n. 4, p. 657-691.

DAYRELL, J. (2002). Juventude e Escola. In: SPOSITO, M. (org.) **Juventude e Escolarização (1980-1998)**, Série Estado do Conhecimento, nº 7, Brasília, INEP/COMPED. Disponível em: www.publicacoes.inep.gov.br/, acessado em Nov. de 2012.

DREEBEN, R. (2000). Structural Effects in Education. A History of an Idea, pp. 107-135. In: HALLINAN, M. T. **Handbook of the Sociology of Education**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

DUBET, F.; MARTUCCELLI, D. (1996). **A L'école. Sociologie de l'expérience scolaire**. Paris: Seuil.

DUBAR, C. (2005). **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes.

DURU-BELLAT, M. (2005). Amplitude e aspectos peculiares das desigualdades sociais na escola francesa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n.1, jan./abr., p. 13-30.

ELIAS, N. (2008). **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FELIPE, L. H. L. (2010). **As escolhas de escolas de excelência no Ensino Fundamental na cidade do Rio de Janeiro: As estratégias em jogo no campo educacional**. Tese de Doutorado. 222 f. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FERNANDEZ, M. A. (2009). **Percursos e estratégias de leitura-navegação de jovens universitários**. Tese de Doutorado. 344 f. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREITAS, L. C. de. (2007). Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da má qualidade do ensino. **Educação & Sociedade**, vol. 28, nº especial.

GOFFMAN, Erving. (2011). **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes.

KOSLINSKI, M. & ALVES, F. (2012). Novos olhares para as desigualdades educacionais: a segregação residencial e a relação favela-asfalto no contexto carioca. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 805-831. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/09.pdf>>. Acesso em 07 de jan. 2013.

PAES DE CARVALHO, C.; LACERDA, P.M. (2007) Contratos de sucesso escolar: problematizando interpretações sobre a relação família-escola. **31º Encontro Anual da Anpocs**, Caxambu. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/anpocs-2007-contratos-de-sucesso-escolar-pdf-d118214415>>. Acesso em 01 de fev. 2013.

LAHELMA, E. (2002). School is for Meeting Friends: secondary school as lived and remembered. **British Journal of Sociology of Education**, vol. 23, n. 3.

LELIS, I. *et al.* (2009). O trabalho docente: a tensão entre intensificação e bem-estar profissional. In: LELIS, I. NASCIMENTO, M. das G. (orgs.). **O trabalho docente no século XXI. Quais Perspectivas?** Rio de Janeiro: Ed. Forma & Ação.

MANDELERT, D. da V. (2010). **Repetência em escolas de prestígio: quanto, quando e como acontecem.** Tese de doutorado. 158 f. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro.

MAFRA, L. A. (2003). A sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em reconstrução. In: ZAGO, N. et al. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, pp. 109-136.

NOGUEIRA, M. A. (2002). Estratégias de Escolarização em Famílias de Empresários. In: ALMEIDA, Ana Maria F. de. M^a A. & NOGUEIRA (orgs). **A Escolarização das Elites – Um panorama internacional da pesquisa.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C.M. M. (2009). **Bourdieu & a Educação.** Belo Horizonte: Ed. Autentica.

NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C.M. M. (2002). A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. In: **Educação & Sociedade**, ano 23, n. 78, p. 15-36. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302002000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 de jan. 2013.

PAES DE CARVALHO; C; FELIPE, L. H. L. e MANDELERT, D. (2011) Uso de dados de avaliação para escolhas de escolas para um Survey: desafios para a imaginação e o rigor metodológico. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, Jan/Mar, p. 127-148.

PANOFSKY, E. **Estudos em Iconologia:** temas humanistas na arte do 16^o Renascimento. Trad. Olinda Braga de Sousa. Lisboa: Estampa, 1986.

PERRENOUD, P. (1995). **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar.** Porto, Portugal: Porto Editora.

OLIVEIRA, R. P. de (2007). Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Educação & Sociedade**, vol. 28, n^o especial.

QUARESMA, M. L. (2012). Da escola de massas ao colégio de elites: as escolas de prestígio em contexto de democratização escolar. **Sociologia da Educação.** Revista Luso-Brasileira, Edição Especial.

SAMMONS, P. (2008). As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, N. & SOARES, J. F (orgs.). **Pesquisa em Eficácia Escolar. Origens e Trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

SANTIAGO, I. E. (2010). **A escrita de nativos digitais**. 126p. Tese de Doutorado, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RESENDE, T. (2006). Dever de casa: questões em torno de um consenso. **29ª Reunião Anual da Anped**. Caxambu, MG. Anais. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/gpcem/files/2011/09/GT14-Dever-de-casa.pdf>>. Acesso em: 30 de jan. de 2013.

RESENDE, T. (2012). Dever de casa, espelho de desigualdades educacionais e sociais. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 03, pp.159-184.

SANTO, A. M. de O. (2011). **Qualidade de ensino em duas escolas da Rede Municipal do Rio de Janeiro: o que produz a diferença?** Dissertação de Mestrado. 133 f. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

REVEL, J. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIBEIRO, L. C. DE Q. & KATZMAN, R. (2008) **A cidade contra a escola?** Segregação urbana e desigualdades educacionais em grandes cidades da América Latina. Rio de Janeiro: Letra Capital: FAPERJ, Montevideu/Uruguai: IPPES.

SAYÃO, Rosely. (2011). Filhos... Melhor não tê-los?. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Família e Educação: Quatro olhares**. Campinas, S.P: Papyrus.

SCHWARTZMAN, Simon (2003). **The Challenges of Education in Brazil**. Feb. 26. Version 3, 1995. Disponível em: <<http://www.drclas.harvard.edu/files/Simon-Schwartzman-Challenges-of-Education-in-Brazil.pdf>>. Acesso em 09 de fev. 2012.

SETTON, M. G J. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, Mai/Ago, n. 20, p. 60-70.

_____. (2009). A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. **Revista Brasileira de Educação**, Ago, vol.14, no.41, p.296-307. ISSN 1413-2478.

_____. (2011). Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educação e Pesquisa**., Dez, vol.37, no.4, p.711-724. ISSN 1517-9702.

SILVA, N. V.; HASEMBALG, C. (2002). Recursos familiares e transições educacionais. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 18 (suplemento), p. 67-76.

SILVA, V. A. da (2008). Relação com o saber na aprendizagem matemática: uma contribuição para a reflexão didática sobre as práticas educativas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 150-190.

SINGLY, F. (2007). **Sociologia da Família Contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed FGV.

SOARES, J. F.; ALVES, M. T. G. (2003). Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, p. 147-165.

SOARES, T. M.; TEIXEIRA, L. H. G. (2006). Efeito do perfil do diretor na gestão escolar sobre a proficiência do aluno. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 34, p. 155-186.

SOUZA, A. de e LAMOUNIER, B. (2010). **A Classe Média Brasileira. Ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro: Elsevier; Brasília CNI.

SLAVIN, R. E. **Salas de aula eficazes, escolas eficazes: uma base de pesquisa para reforma da Educação na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. (PREAL; n. 4).

SPOSITO, M. P. (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (orgs.) **Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fund. Perseu Abramo.

SPOSITO, M. P. e CARRANO, P. C. R. (2003). Juventude e Políticas Públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 16-39.

SPOSITO, M. (org.) Juventude e Escolarização (1980-1998), Série Estado do Conhecimento, nº 7, Brasília, INEP/COMPED. Disponível em: www.publicacoes.inep.gov.br/, acessado em Nov. de 2012.

SPOSITO, M. (org.) (2002). **Juventude e Escolarização (1980-1998)**, Série Estado do Conhecimento, n. 7, Brasília, INEP/COMPED. Disponível em: www.publicacoes.inep.gov.br/, acessado em Nov. de 2012.

XAVIER, A. e CANEDO, M^a L. (2012). Education Quality in Public Schools: an experiment to reduce age-grade gap in the city of Rio de Janeiro. **Problems of Education in the 21 st Century. Education Policy. Management and Quality**, vol. 40, p. 145-151.

CANEDO, M. L & XAVIER, A. (2011). Requalificação da Escola Pública: reflexões sobre o bairro e as famílias, **Boletim SOCED**, n. 8, *pre-print*, p. 1-27.

XAVIER, A. (2009). **Jovens Elites Escoares: uma análise sociológica dos hábitos de leitura**. Dissertação de Mestrado. 185 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Departamento de Educação. Rio de Janeiro.

WEBER, (2009). **Economia e Sociedade**. Vol 1. Brasília: Editora UNB, 2009.

WACQUANT, L. (2007). Esclarecer o *habitus*. In: **Educação & Linguagem**. Ano 10, n. 16, jul-dez, pp. 63-71.

WALDHELM, A. P. de S. (2009). **Escolas de prestígio e o jogo concorrencial – estudo exploratório a partir de websites escolares**. Dissertação de Mestrado. 227f. Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Anexos

Anexo 1

Roteiro de entrevista da coordenação pedagógica e orientação educacional na escola privada

1. FALE-NOS UM POUCO SOBRE O TRABALHO DA COORDENAÇÃO DO 9º ANO. QUAIS PARTICULARIDADES VOCÊ PODERIA CITAR PARA ESTA ETAPA DO ENSINO?

- a) Principais preocupações;
- b) Problemas mais recorrentes nesta série: aspecto cognitivo, emocional, problemas familiares;
- c) Estratégias mais utilizadas;
- d) Disciplinas onde há mais ou menos dificuldades

2. AO INTRODUZIR A REUNIÃO DOS PAIS NA ÚLTIMA TERÇA-FEIRA, VOCÊ CITOU ALGUMAS MUDANÇAS PELAS QUAIS OS ALUNOS DO 9º ANO PASSARIAM, COMO A ALTERAÇÃO DE TURNO PARA ESTAREM MAIS PRÓXIMOS DO ENSINO MÉDIO, A PROPOSTA DE UMA ROTINA DE ESTUDOS, ENTRE OUTROS FATORES. FALE-NOS UM POUCO SOBRE ESTAS MUDANÇAS.

- a) Como serão estas rotinas de estudo; estendem-se ao plano familiar?

3. QUAIS SETORES DA ESCOLA ESTÃO ENVOLVIDOS NESTAS MUDANÇAS?

- a) Quem avalia os resultados ou se responsabiliza pelos ajustes quando necessário?
- b) Há necessidade de se articular com as famílias? Como se dá esta articulação?

4. EM RELAÇÃO À PROPOSTA DE UMA ROTINA DE ESTUDOS, COMO VOCÊS TRABALHAM PARA ESTIMULÁ-LA?

5. COMO VOCÊS PROCEDEM COM OS CASOS DIFÍCEIS, RELACIONADOS À INDISCIPLINA, PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO E APRENDIZAGEM?

6. COMO VOCÊS PODEM RESUMIR O PERFIL DO ALUNO DESTA ESCOLA?

RESULTADOS DO SURVEY – ESCLARECIMENTOS:

1. ALGUNS VALORES DESTA ESCOLA REFERENTES AO RELACIONAMENTO COM OS AGENTES ESCOLARES (COLEGAS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS, COORDENAÇÃO E DIREÇÃO) SÃO MELHORES EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS ESCOLAS PRIVADAS. A QUE VOCÊS ATRIBUÍRIAM ESTE RESULTADO?

2. A AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES PELOS ALUNOS TAMBÉM É CONSIDERAVELMENTE SUPERIOR À MÉDIA DAS ESCOLAS.
 - a) Qual é a maior ênfase da coordenação em relação ao trabalho do professor?
 - b) Que tipo de dificuldade é mais frequente?
 - c) Que tipo de problema leva a escola a procurar outro professor para determinada matéria?

3. A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS EM PROJETOS E ATIVIDADES EXTRAS NA ESCOLA PARECE INTENSO. NA OPINIÃO DE VOCÊS, QUAL A INFLUÊNCIA DESTA PARTICIPAÇÃO NO DESEMPENHO DOS ALUNOS?

Anexo 2

Roteiro de entrevista da coordenação pedagógica da escola pública

1. PERFIL

- a) Formação
- b) Tempo de profissão e de escola
- c) Estado Civil e filhos
- d) Idade
- e) Local de Moradia
- f) Trabalha em outras escolas?

2. QUANDO VOCÊ ASSUMIU O CARGO DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA? COMO FOI ESTE PROCESSO?

- a) Quais as suas principais atribuições nesta função?

3. FALE-NOS UM POUCO SOBRE O TRABALHO DA COORDENAÇÃO COM O 9º ANO. QUAIS PARTICULARIDADES VOCÊ PODERIA CITAR PARA ESTA ETAPA DO ENSINO?

- a) Principais preocupações;
- b) Problemas mais recorrentes nesta série: aspecto cognitivo, emocional, problemas familiares;
- c) Estratégias mais utilizadas;
- d) Disciplinas onde há mais ou menos dificuldades

4. NA ÚLTIMA REUNIÃO DE PAIS QUE ACONTECEU NO DIA 21/05, VOCÊ FALOU DE ALGUNS PROBLEMAS RECORRENTES NA ESCOLA, CHEGANDO A RELACIONÁ-LOS (Pontualidade; Frequência; Valor dado aos materiais e ao patrimônio da escola; Palavrões; Agressões e desrespeito; Envolvimento dos pais com a escola).

- a) Como você avalia estas questões hoje?

5. VOCE TAMBÉM DISSE QUE TINHA MUITOS PROJETOS EM MENTE, PARA MELHORAR A RELAÇÃO ENTRE OS ALUNOS, TRAZER OS PAIS À ESCOLA.

- a) Como está o andamento destes projetos? Fale-nos um pouco sobre eles.

6. COMO VOCÊS PROCEDEM COM OS CASOS DIFÍCEIS, RELACIONADOS À INDISCIPLINA, PROBLEMAS DE RELACIONAMENTO E APRENDIZAGEM?

7. COMO VOCÊS PODEM RESUMIR O PERFIL DO ALUNO DA ESCOLA MUNICIPAL MINAS GERAIS?

Resultados do survey – alguns esclarecimentos:

8. ALGUNS VALORES ENCONTRADOS NO SURVEY E REFERENTES AO RELACIONAMENTO COM OS AGENTES ESCOLARES (COLEGAS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS, COORDENAÇÃO E DIREÇÃO) SÃO MAIORES EM COMPARAÇÃO COM OUTRAS ESCOLAS PÚBLICAS QUE PESQUISAMOS.

a) A que você atribui este resultado?

9. A AVALIAÇÃO DOS PROFESSORES PELOS ALUNOS TAMBÉM É CONSIDERAVELMENTE SUPERIOR À MÉDIA DAS ESCOLAS.

a) Qual é a maior ênfase da direção/coordenação em relação ao trabalho do professor?

b) Que tipo de dificuldade é mais frequente?

c) Que tipo de problema leva a escola a procurar outro professor para determinada matéria?

Anexo 3

Roteiro de entrevista dos pais na escola pública e na escola privada

I. Dados Pessoais:

- a) Nome;
- b) Idade;
- c) Profissão;
- d) Quantos filhos;
- e) Bairro em que reside/trabalha.

II. Como é a sua rotina diária?

- a) Quantas horas você trabalha por dia?
- b) Quanto tempo leva para chegar ao trabalho?
- c) Trabalha aos finais de semana?

III. Você poderia me descrever a rotina do seu filho?

- a) Quantas horas ele passa em frente à televisão?
- b) Ajuda nas tarefas domésticas?
- c) Quanto tempo passa no computador?
- d) Faz algum curso de línguas ou cursinho, aula de reforço?
- e) Namoro?

IV. De que forma você participa da vida escolar do seu filho?

- a) Ajuda nas tarefas?
- b) Participa das reuniões?
- c) Conversa com os professores?

V. Você considera o seu filho um bom aluno?

- a) Por quê?
- b) Se não considera, em que você acha que ele poderia melhorar?

VI. Como você avalia esta escola?

- a) Em quais aspectos a escola é boa e em quais aspectos a escola poderia melhorar?

VII. Quais são os seus planos para a vida escolar do seu filho no ano que vem?

- a) Em qual escola deseja que ele estude?
- b) Seus planos coincidem com os planos dele?

Anexo 4

Proposta de roteiro para entrevista/relatório dos alunos

I. Caracterização Inicial

- a) Quantos anos você tem?
- b) Você está nesta escola desde qual série?
- c) Já repetiu alguma série? Qual foi o motivo?

II. Comportamento e Escola

- a) Descreva uma típica rotina escolar semanal, suas principais atividades na escola, a distribuição dos tempos e outras tarefas diárias.
- b) Você acredita que se comportaria de forma parecida em outra escola? Por quê?
- c) Gosta de estar aqui?
- d) Aponte o que mais gosta? E o que menos gosta?
- e) Como você pode resumir o seu comportamento diário na escola?
- f) Quais seriam as regras básicas de comportamento que você deve cumprir nesta escola (uniforme; faltas e atrasos; tarefas escolares)? Você considera estas regras justas?

III. Rotina Doméstica e Dever de casa

- a) Qual é a primeira coisa que você faz quando chega em casa?
- b) Descreva sua rotina em casa antes e depois da escola até a hora de dormir.
- c) A que horas e onde você estuda em casa?
- d) Você utiliza sempre o mesmo lugar? Estuda sempre no mesmo horário?
- f) Quanto tempo por semana você passa estudando e fazendo os deveres da escola? Quais os dias mais carregados pra você? Por quê?

IV. Comportamento Acadêmico

- a) Descreva seu comportamento na sala de aula. Onde você se senta? Perto de quem?
- b) Quais professores você mais gosta? Por quê?
- c) Quais os horários preferidos? Por quê?
- b) Faz as tarefas propostas? Se sente à vontade pra fazer perguntas?
- c) Consegue tirar as dúvidas na sala de aula?

V. Rendimento e Desempenho Escolar

- a) Você se considera um bom aluno? Está entre os melhores alunos da turma? Por quê?
- b) Como você avalia o seu rendimento na escola?
- c) Considera justa a avaliação feita pelo professor?
- d) Considera a sua escola muito difícil, rigorosa?

VI. Relação com os agentes escolares

- a) Descreva o seu relacionamento com os professores. Você tem um bom relacionamento com eles?
- b) Quais são os problemas mais comuns que os alunos têm com os professores?

VII. Expectativas de futuro

- a) Onde você pretende estudar no ano que vem?
- b) Você gostaria de fazer uma faculdade? Sabe qual profissão quer?

Anexo 5

Itens para a construção do índice socioeconômico das famílias baseados nas respostas dos alunos ao survey SOCED (2009)

Índices

| | |
|--------------|----------------|
| baixo | 11 a 27 pontos |
| médio | 28 a 42 pontos |
| alto | 43 a 59 pontos |

| peso | Quantos empregados domésticos trabalham em sua casa |
|-------------|--|
| 0 | nenhum |
| 1 | um |
| 3 | dois |
| 4 | Mais de 3 |

| peso | Quantidade de tv |
|-------------|-------------------------|
| 0 | não tem |
| 1 | um |
| 2 | dois |
| 3 | três ou mais |
| | |

| peso | TV por assinatura |
|-------------|--------------------------|
| 0 | não tem |
| 1 | um |
| 2 | dois |
| 2 | três ou mais * |

| peso | Rádio |
|-------------|--------------|
| 0 | não tem |
| 1 | um |
| 2 | dois |
| 3 | três ou mais |

| peso | Carro |
|-------------|--------------|
| 0 | não tem |
| 4 | um |
| 7 | dois |
| 9 | três ou mais |

| peso | Vídeocassete ou DVD |
|-------------|----------------------------|
| 0 | não tem |
| 2 | um |
| 2 | dois |
| 2 | três ou mais |

| peso | Geladeira |
|-------------|------------------|
| 0 | não tem |
| 4 | um |
| 4 | dois |
| 4 | três ou mais |

| peso | Computador |
|-------------|-------------------|
| 0 | não tem |
| 2 | um |
| 3 | dois |
| 4 | três ou mais |

| peso | Acesso à Internet |
|-------------|--------------------------|
| 0 | não tem |
| 3 | um |
| 3 | dois |
| 3 | três ou mais |

| peso | Máquina de lavar roupa |
|-------------|-------------------------------|
| 0 | não tem |
| 2 | um |
| 2 | dois |
| 2 | três ou mais |

| peso | Banheiros |
|-------------|------------------|
| 0 | não tem |
| 4 | um |
| 5 | dois |
| 6 | três ou mais |

| peso | Escolaridade do pai |
|-------------|----------------------------|
| 0 | nunca estudou |
| 1 | ensino fundamental |
| 2 | ensino médio |
| 4 | ensino superior |
| 8 | pós-graduação |

| peso | Escolaridade da mãe |
|-------------|----------------------------|
| 0 | nunca estudou |
| 1 | ensino fundamental |
| 2 | ensino médio |
| 4 | ensino superior |
| 8 | pós-graduação |

Anexo 6

Sínteses dos alunos entrevistados na escola pública

Contexto: Otavio (O.) foi entrevistado na escola, durante o período de recreio. O adolescente estava um pouco tímido no início da entrevista, tendo relaxado um pouco no decorrer da conversa. Demonstrou ter conversado com sua mãe a respeito da entrevista feita com ela e seguiu seu depoimento com segurança, expondo em detalhes suas dificuldades para estudar e algumas situações embaraçosas vivenciadas na escola. Admite sem problemas não ser considerado um dos melhores alunos de sua turma e demonstra com clareza seus planos para o futuro.

Otavio

O. tem 14 anos, estuda nesta escola pública desde o 5º ano e tem uma irmã mais velha, de 15 anos de idade, que é ex-aluna da escola e que agora estuda em uma escola também reconhecida pela qualidade do ensino, financiada pela fundação de um banco privado. Apesar de morar em um bairro um pouco distante da escola, O. vem de carona com um vizinho e, por isso, não costuma chegar atrasado “nunca”. A mãe de O., empregada doméstica a mais de vinte anos em uma residência na zona sul, descreve ele como um menino relaxado, que vai deixando as tarefas sempre para última hora, mas que costuma fazer todas. Ela compara o filho com a irmã mais velha, que não costumava dar nenhum trabalho em relação aos estudos, dizendo que com ele precisa ficar um pouco mais atenta. No início do ano, O. entrou em um curso preparatório para o ensino médio, que frequenta durante a semana das 14:00h às 20:00h, e segundo sua mãe, tem se recuperado. Ultimamente também tem frequentado, neste mesmo curso, aulas aos sábados por causa da proximidade das provas de ingresso aos colégios federais. O. fez uma prova e conseguiu um pequeno desconto neste curso, mas o valor gasto com esta mensalidade, o dinheiro da condução e o lanche parecem pesar bastante no orçamento da família. A irmã também frequentou o mesmo curso preparatório. O. explica um pouco a dinâmica das aulas do curso, dizendo que os professores estimulam muito o estudo e que dão dicas sobre como se comportar na hora da prova, que “lá eles falam muito sobre o futuro” e que os professores dão uma aula em conjunto, atendendo depois cada aluno individualmente. Por estes motivos, O. diz que, apesar de cansativo é bom, e que gosta mais do curso do que da escola. Seu pai trabalha em uma oficina mecânica o dia todo e costuma ver o filho só à noite, não tendo nunca se preocupado com os assuntos escolares, conforme nos descreve a mãe. Quem acompanha os estudos de O. é a mãe, que diz olhar as tarefas do filho para ver se estão feitas, mas que não consegue ajudá-lo em quase nada por não saber os conteúdos e que costumava estimulá-lo a se dar bem com os professores e prestar muita atenção na aula. O. não tem notas muito altas e reconhece sua dificuldade em algumas matérias, assumindo de uma forma bem tranquila ser um aluno mediano, mas esforçado. Sua principal dificuldade é em português, sendo a única matéria em que ficou de recuperação,

sem nunca ter repetido de ano. Por outro lado, ele nos diz ter bastante talento no jogo de xadrez e já entrou em campeonatos, representando a escola. Na sala de aula O. senta “ao lado dos garotos mais espertos da turma”, que são seus amigos. Quando pergunto por que são mais espertos, eles dizem que os colegas não tem dificuldades em nenhuma matéria. Recentemente, a mãe de O. descobriu nele um problema de visão, que parece ter comprometido seu desempenho na escola. Com o uso de óculos, diz agora esperar pela melhora no rendimento. Apesar de gostar da escola e dos professores, O. tem algumas reclamações sobre estes, e cita alguns comportamentos que não gosta: “alguns professores dão mais bronca do que aula”; “professores que saem toda a hora da sala” e de um professor que aparentemente fala muito baixo e tem uma voz que muitos alunos não conseguem compreender. Para o próximo ano, o que mais almeja é ingressar numa escola pública federal, que deve ser formação geral, enfatiza, demonstrando certa recusa pelo ensino técnico.

Contexto: Bianca (B.) foi entrevistada na escola, a aluna aparenta timidez, mas se expressa sem dificuldades. Nos confessa ser “recolhida”, e não passar muito tempo com os amigos, aproveitando inclusive períodos vagos na escola para estudar. Diz que alguns professores são amigos pessoais e critica a postura de alguns deles na sala de aula. Faz muitas críticas em relação às aulas e ao comportamento de alguns colegas, apesar disso, em nenhum momento parecer ter problemas mais sérios em se relacionar. Expôs-nos uma rotina de estudos pesada, que espera que se finalize com o término das provas de concursos para as escolas públicas federais e para as bolsas de estudo nas escolas privadas.

Bianca

B. é filha do meio e têm 14 anos, sua irmã mais nova estuda na mesma escola. A irmã mais velha já estudou nesta escola e no momento estuda no Colégio Pedro II, tendo passado também no CEFET e chegando a estudar nestes dois colégios ao mesmo tempo. Ela e as irmãs começaram a vida escolar em uma escola privada, mas por problemas financeiros da família foram para o ensino público. Os pais são químicos, formados em universidades públicas. O processo de matrícula de B. e de sua irmã mais nova na escola não foi simples. A mãe já sabia da qualidade da escola, tendo visto que esta se posicionava entre as vinte melhores do município, no entanto, a escola não tinha vagas no segundo segmento do ensino fundamental. Sendo assim, foi aconselhada a garantir a vaga da filha mais nova na ‘boa escola’ e matricular a mais velha em outra escola municipal, para posteriormente pedir uma transferência. O pedido de transferência foi feito através de um contato da avó paterna, que tinha “muito conhecimento dentro da Secretaria de Educação”. B. está na escola desde o 6º ano, nunca repetiu de série e é reconhecida como excelente aluna por colegas e professores. Ela frequenta durante a semana um curso preparatório para ingresso ao Ensino Médio. B. nos explica um pouco da rotina do curso, no qual fica das 14:00h até às 20:30h: segundas-feiras tem aulas com base em provas anteriores dos concursos, nas terças aulas de redação e às quartas-feiras aulas de gramática, revendo nestas aulas todo o conteúdo do Ensino Fundamental. Ela também nos diz que as aulas

no curso são boas e que os professores costumam “ensinar brincando”. Quando perguntamos sobre sua rotina na escola pública, B. nos conta que é muito concentrada e que aproveita as aulas vagas para estudar ou ler livros junto a uma amiga. Quando chega em casa, costuma ainda estudar um pouco antes de ir para o curso. B. paga um valor diferenciado na mensalidade, comumente considerado caro para estas famílias, porque é boa aluna e foi bem colocada no exame de qualificação e também pelo fato de sua mãe ser amiga do dono do curso. Na época da entrevista, B. tinha feito a prova do ISMART para conseguir bolsa em uma escola privada, que é seu maior desejo, e achava que tinha se saído bem, apesar de alguma dificuldade nas questões de lógica, em Matemática. Uma das coisas que incomoda B. na escola são os colegas que fazem bagunça e que prejudicam as aulas e sua concentração e também a postura de alguns professores. Ela nos conta sobre umas confusões com o professor de História, que faltava muito, e sobre uma professora de Artes, que costuma gritar com a turma e também faltar. A aluna nos contou que namorava a pouco tempo, quando perguntamos se o namoro atrapalhava os estudos, ela respondeu que não, e que costumava estudar junto, discutindo algumas atividades por telefone ou por e-mail e que os dois se ajudavam na escola. Apesar de destacar alguns problemas desta escola, B. faz comparações com o período em que estudou em outra escola pública municipal, dizendo que os seus atuais professores incentivam muito mais, se preocupam com os alunos e explicam melhor. Sobre o futuro, está indecisa entre profissões que envolvam conhecimentos de matemática e português, ela pensa em fazer jornalismo, mas como diz ser boa também nas ‘exatas’, ainda não sabe o que pretende fazer profissionalmente.

Contexto: Sabrina (S.) foi entrevistada na escola, durante o período do recreio. Sua aparência, falar e gestos são mais ‘infantis’. Apesar desta aparência, a menina apresenta argumentos firmes quando diz o que mais gosta e o que menos gosta na escola. Fica à vontade durante a conversa, dizendo se sentir em família na escola, que frequenta desde o primeiro ano do ensino fundamental. Em sua fala, deixa transparecer algumas dificuldades financeiras da família, que parecem ser tratadas de forma tranquila pela aluna, mas ao mesmo tempo com planos para o futuro, incluindo a conquista de uma vaga em uma escola pública ou privada.

Sabrina

S. estuda nesta escola desde o 1º ano do ensino fundamental, tem 14 anos e mora com os pais e o irmão de 17 anos, no mesmo bairro da sua escola. Seus pais são ex-alunos da escola pública em que estuda, tendo feito todo o ensino fundamental. Em muitos momentos da entrevista da mãe, esta demonstra gostar muito da escola e da direção, chegando a se emocionar quando se lembra do tempo de estudante. O pai de S. é porteiro e sua mãe dona de casa. Seu irmão, que também teve toda a trajetória nesta escola, foi indicado e ganhou uma bolsa de estudos paga em uma escola privada, reconhecida pelo ensino de qualidade, mas ele fez somente o 1º ano do ensino médio, tendo “ficado por pouco em física e matemática”, segundo sua mãe. O irmão foi para outra escola privada, de menor

prestígio, situada em Botafogo. S. também parece gostar muito da escola, dizendo que “é sua segunda casa”. A aluna faz um curso de inglês, no qual a mãe conseguiu desconto, falando que a filha era estudante de escola pública. S. apesar de nunca ter frequentado um curso de línguas e nunca ter tido inglês na escola (até meados de 2011, os alunos desta escola só tinham aulas de espanhol), está se saindo bem. A menina parece aproveitar as oportunidades culturais oferecidas no bairro, ela nos conta que já participou de cursos de teatro, atividades físicas, biblioteca e reforço escolar oferecidos no campus de universidades públicas vizinhas. Sobre as aulas de teatro, S. diz a terem ajudado a ficar menos tímida. No momento, a mãe quer inscreve-la em aulas de vôlei, oferecidas na praia de Botafogo. Quando perguntamos à mãe sobre sua rotina de estudos, ela diz que S. tem muita autonomia, que estuda sozinha e que não se lembra de a ter mandado fazer as tarefas da escola. A mãe de S. descreve a si mesma como uma leitora assídua e diz que lê junto com a filha, ajudando-a em algumas tarefas da escola, exceto em matemática, quando S. recebe ajuda esporádica do irmão. A aluna diz estar entre as melhores da sala e que não sente muitas dificuldades em tirar notas altas. Em casa, S. diz estudar diariamente durante cerca de duas horas, na sala de estar, e a televisão precisa estar desligada. Ela também compara sua escola com algumas escolas privadas do bairro, dizendo terem o mesmo nível ou estando abaixo de sua escola. Para o futuro, S. espera conseguir bolsas em duas escolas privadas de grande prestígio, situadas em bairros vizinhos, ou estudar no Colégio Pedro II e que depois pretende cursar uma faculdade, ainda não sabe se em Direito ou Arquitetura. O curso preparatório para a entrada nestas escolas é algo que preocupa S., pois ela tem dúvidas a respeito do orçamento da família, e nos diz que não gostaria de parar com o curso de inglês.

Contexto: Nicolas (N.) foi entrevistado na escola durante um tempo vago em que terminava uma prova de segunda chamada de Ciências. Ele é um pouco mais velho que os outros alunos, têm 16 anos, sendo este atraso proposital, por ter cursado anteriormente “uma escola mais fraca”. Ele estuda com o irmão, que é um ano mais novo, na mesma turma. O aluno também é atleta e apresenta uma rotina de estudos e treino bastante puxada. Faz menção à mãe por diversas vezes, quando pergunto se seu namoro atrapalha os estudos, quando quero saber sobre suas notas, quando pergunto o que pensa sobre os professores, etc.

Nicolas

N. é um menino muito cordial e simpático, entrou na escola no sexto ano com seu irmão. Sua trajetória escolar é toda cursada na escola pública, inclusive a educação infantil. Sua mãe nos disse que dormiu do lado de fora da escola na véspera da matrícula para conseguir uma vaga pra ele e seu irmão nesta escola pública. A mãe é viúva e seu irmão nasceu aos sete meses, quando souberam da morte do pai em um acidente de carro. A mãe, que é enfermeira e trabalha em dois hospitais, um público e um particular diz precisar ficar até três dias fora, por causa dos plantões, mas que apesar disso, participa muito da vida dos filhos e das reuniões da escola sabendo de tudo o que acontece com eles. Segundo a mãe, eles

conversam sobre tudo e são muito unidos. N. mora com a mãe, a avó, uma tia e o irmão mais novo. O aluno é atleta (corredor) de um famoso clube da cidade e treina todos os dias da semana por cerca de duas a três horas, exceto um dia em que faz um curso preparatório (patrocinado pelo Comitê Olímpico Brasileiro) para o primeiro emprego em uma universidade privada. Neste curso, ele nos disse aprender noções de informática, contabilidade, marketing e recursos humanos. Ele é considerado um excelente aluno, muito comunicativo e conhecido na escola. Junto com o irmão, é famoso pelas notas altas em todas as disciplinas. N. namora uma menina da mesma sala, a qual segundo o irmão costuma ajudar muito com as tarefas da escola, ainda que a namorada seja considerada boa aluna. Para N. o namoro não atrapalha, “dando pra fazer as duas coisas tranquilamente”. Seu irmão contou-nos um episódio em que N. elaborou duas redações, uma para si e outra para a namorada, ficando a menina com a nota mais alta, para a indignação do irmão. N. e o irmão começaram a atuar como monitores, ‘dando aulas’ de reforço aos alunos mais novos na escola, também costumam participar dos campeonatos de xadrez e são campeões, participando agora como juízes destas competições. N. e o irmão também costumam participar dos Jogos Estudantis e das Olimpíadas de Matemática. O que ele mais gosta na escola é a forma como os professores ensinam, ele reconhece que os professores se esforçam e que querem que todos os alunos aprendam. Ele diz que não costuma estudar muito todos os dias em casa, mas que ‘prefere’ prestar muita atenção nas aulas, pra ter menos dúvidas em relação às matérias e que não deixa os deveres acumularem, por causa do atletismo.

Contexto: Gabriel (G.) foi entrevistado na escola. Quando conversamos com ele, já havíamos conversado com seu irmão; a entrevista aconteceu em duas etapas. A primeira entrevista aconteceu na sala dos professores e a presença de alguns deles na sala parece não ter intimidado a emissão de opiniões do aluno. Na segunda fase da entrevista, decidimos conversar com ele no pátio e tal postura permaneceu, em alguns momentos o aluno também foi ousado e provocativo. O aluno apresenta excessiva confiança em si, se considera estudioso e confessa ter problemas com alguns colegas e professores. Assim como seu irmão, parece aproveitar o momento da entrevista [talvez por recomendação da mãe, que apresenta postura semelhante], para extravasar e registrar diversas queixas sobre a turma e alguns professores.

Gabriel

G. tem quatorze anos e estuda desde o 6º ano nesta escola, seu irmão mais velho estuda na mesma classe que ele. A mãe é viúva, enfermeira e trabalha em dois hospitais. G. mora com o irmão, a avó, a mãe e uma tia em um bairro próximo a escola. Ele, como o irmão, é atleta e corre todos os dias em um clube de regatas. G. é um menino muito crítico e às vezes duro, quando avalia o seu próprio comportamento e o de colegas. Em casa, G. diz que estuda sempre durante umas duas horas por dia e que costuma jogar videogame à noite depois de treinar e fazer as tarefas, quando há muito dever, ele diz que não joga. G. admira os professores e diz que eles são empenhados e que ensinam bem. Um comentário dele chama a atenção, quando diz perceber que uma professora não se planeja

para as aulas, ‘inventando’ na hora. Ele diz que isso costuma desestabilizar os alunos, que com isso acabam fazendo mais bagunça. Sobre sua turma, G. diz que tem um pessoal muito bagunceiro e que costuma prejudicar muito as aulas. Outra coisa que o incomoda, são as brigas e discussões entre colegas. G. nos conta que o atual coordenador pedagógico tem feito alguns projetos, dinâmicas e brincadeiras pra tentar melhorar a relação entre as turmas, mas que está tudo no começo e que ainda não dá pra ver muita diferença. Sobre o seu comportamento na sala, G. diz que às vezes tem vergonha de fazer perguntas para o professor, mas que faz assim mesmo e que esse é ‘o único jeito’. Ele diz estar sempre “focado” na aula, que “pega rápido”, “grava rápido”, mas que às vezes conversa com os colegas e conta umas piadas durante as aulas e que durante o recreio seu comportamento muda, completa o aluno. G. nos conta sobre como este ano é importante e que os professores estão prestando atenção no comportamento de todos para a indicação das bolsas nas escolas privadas. Ainda em relação aos professores, G. diz que na escola o comportamento dos alunos muda, dependendo da aula, alguns professores têm “muita autoridade” e que não há como não prestar atenção nestas aulas que “todos respeitam”. G. diz que a maioria dos colegas não está “nem aí” para as provas e os concursos e que pretendem estudar em escolas estaduais no ano seguinte, um dos motivos do pouco empenho deles no momento. O futuro deles “é jogar futebol”, completa o aluno. G. critica muito as escolas estaduais, quando pergunto o motivo ele diz que os professores faltam muito e não ligam para os alunos e que a escola em que está atrai bons professores, que são dedicados e que explicam bem. Por este mesmo motivo, não é necessário frequentar um curso para passar nas provas de ingresso ao ensino médio. G. diz que sua professora de português, por exemplo, passa provas mais difíceis do que aquelas que caem nos concursos e que muitos colegas que frequentam os cursinhos, não conseguiram se sair bem nestas provas da escola. Sobre o futuro, G. diz que vai fazer provas para todas as escolas, incluindo o colégio militar, e que pretende fazer faculdade de medicina, não conseguindo pensar em outra opção além deste curso.

Contexto: Rafaela (R.) foi entrevistada na escola, durante o período do recreio. Na marcação da entrevista (troca de e-mails e telefonemas), a aluna se mostrou curiosa com os objetivos daquela conversa, se e quando o material seria publicado, sendo a única estudante que solicitou o envio da transcrição. Apesar do interesse inicial, a aluna foi lacônica, mas assertiva, não se negando a dar informações ou descrever rotinas, mas sempre o fazendo de forma muito breve e concisa. Considera-se boa aluna, mas confessa que precisa melhorar em História. Faz menção aos pais durante a entrevista, cujas preferências são divergentes, quando pergunto sobre a escola que pretende estudar no próximo ano.

Rafaela

R. tem quatorze anos, mora com o pai, a mãe, a irmã, sua avó, uma tia e dois primos em Botafogo, bairro próximo à escola. R. e sua irmã mais nova, de onze anos, foram para a escola pública tendo R. ingressado no 2º ano nesta escola, pois seus pais não tinham condições de continuar pagando a escola privada em

que estudava, um colégio católico conhecido no bairro em que moram. R. pretende conseguir uma bolsa de estudos em uma escola privada ou entrar para um colégio federal, o Pedro II (Humaitá), sendo a primeira opção o desejo do pai e a segunda, a vontade de sua mãe. Apesar do impasse, ela nos diz estar em dúvida, mas se sentir à vontade para optar entre uma escola ou outra, sem maiores pressões. R. estuda à tarde, mas todas as manhãs frequenta um curso preparatório para os concursos do Ensino Médio. O que R. mais gosta na escola são os professores que “explicam bem” e que reconhece como “muito dedicados”, e o que menos gosta são os colegas que não se esforçam. Quando perguntamos quantos colegas na sua sala teriam este perfil, R. aponta cerca de cinco colegas, o que, segundo ela, é o suficiente para prejudicar o andamento da aula. Os comportamentos que mais atrapalham a aula, em sua opinião, são as entradas com atraso dos colegas e o uso de celulares, em especial o acesso às redes sociais por eles, que fazem com que os professores precisem interromper algumas explicações várias vezes. Apesar de se reconhecer como tímida, R. diz que na sala de aula, não tem vergonha de fazer perguntas e que é muito focada. Sua rotina diária se resume a estudar no curso preparatório três vezes por semana, frequentar a escola, ver um pouco de televisão, checar e-mails e mensagens, e estudar mais, das 19:30h até quase 22:00h da noite. Seus programas favoritos na televisão são novelas e shows de concurso musical e artístico. Ela diz também estar estudando aos finais de semana, mas apenas cerca de duas horas. Sabendo da convivência com uma família grande, pergunto se R. tem dificuldades para estudar em casa e se concentrar, ela nos diz que estuda no quarto ou uma sala de jantar e que às vezes, precisa pedir para a avó desligar a televisão ou para que façam silêncio, apesar de conseguir estudar com “certo barulho” nos confessa que “às vezes é difícil” se concentrar. Aos sábados, ela frequenta um curso no colégio privado, no qual pretende ingressar ao final do ano. Esta escola privada aplicará uma prova para os que frequentaram o curso com a finalidade de oferecer uma bolsa integral. Para o futuro, R. diz que pretende fazer uma faculdade e que pensa em ser dentista.

Contexto: *Laila (L.) foi entrevistada na escola, durante o período do recreio. A menina fica à vontade durante a entrevista, sendo muito enfática em suas críticas aos professores. Apesar disso, elogia a postura de alguns deles, dizendo que muitos ensinam bem e que procuram ser simpáticos com os alunos. Parece aproveitar o momento da entrevista para ‘desabafar’ sobre o que não gosta na escola. Apresenta uma trajetória de escolarização interrompida, se matriculou nesta escola no oitavo ano. Compartilha conosco, mudança recentes em suas atitudes [segundo ela, antes mais tímidas e comedidas] a aspectos mais íntimos sobre os laços familiares. Ao final, nos agradece a entrevista.*

Laila

L. tem quatorze anos, entrou nesta escola no oitavo ano, tendo começado o ensino fundamental em uma escola privada, cursado algumas séries em outra escola pública e retornado para uma escola privada no sétimo ano e saído desta por motivos financeiros. L. tem dois irmãos, que já são adultos e que não moram com

ela e os pais. Um deles, uma irmã, vive com uma mãe de criação e não fala com a mãe biológica, L. diz que esta irmã fez algo sério com a mãe, que ela não sabe o que é. Apesar de estar há pouco tempo nesta escola, L. diz que se adaptou bem e que já fez amigos. Ela também nos conta que costumava ser muito tímida quando menor e que tinha medo de se aproximar das pessoas. Depois de algumas conversas com a mãe, este comportamento tem melhorado e hoje, L. se considera uma pessoa comunicativa. Quando pergunto sobre a rotina na escola, L. nos diz que tem duas aulas vagas por semana e diz que ela e os colegas gostariam de ter mais aulas de Português, por causa dos concursos de ingresso ao ensino médio. No entanto, não há esta possibilidade na escola porque, segundo a aluna, “a Prefeitura colocou mais aulas de português para o sexto e sétimo ano e mais aulas de matemática para o oitavo e o nono.” L. vai de condução paga (ônibus escolar privado) para a escola e costuma chegar sempre no horário, às vezes antes da aula começar. A este respeito, comenta conosco sobre os atrasos de alguns colegas, que costumam chegar no segundo ou terceiro tempos. L. faz um curso preparatório para os ‘concursos do ensino médio’ três vezes na semana. Este curso não é o mais frequentado pelos colegas, mas um mais barato e com menos alunos, segundo ela. L. também foi indicada para o curso que funciona aos sábados, oferecido por uma escola privada de um bairro vizinho à escola. Quando pergunto sobre o que L. mais gosta e o que menos gosta na escola, ela diz que são os professores, que alguns são muito legais e que explicam bem, e que outros acabam prejudicando os alunos por não explicarem direito e não darem a matéria toda, como é o caso do professor de matemática. Sobre esta disciplina, L. aponta que se não fosse o curso não teria conseguido aprender a equação de 2º grau, por exemplo. Ela diz que na escola pública, deveria ser mais fácil a substituição de professores. Durante as aulas, L. diz que costuma anotar tudo, inclusive algumas coisas que o professor fala. Quando perguntamos o que mais prejudica a aprendizagem na escola, L. aponta que os próprios alunos atrapalham muito, e que a maioria fala muito durante as aulas. A aluna nos diz que costuma pedir silêncio aos colegas. Apesar de se considerar boa aluna, L. diz que sempre tirava notas medianas na escola privada que estudava, e que estas notas ficavam entre cinco e meio, seis ou seis e meio e que a média para passar nesta escola era sete. Na escola pública em que está, L. diz que suas notas melhoraram um pouco, mas que não chegam a nove e dez. Ela nos confessa a dificuldade em inglês, matéria que vem sendo dada recentemente no lugar do espanhol e que nunca teve durante o ensino fundamental. Sobre o futuro, L. gostaria de ir para o Colégio Pedro II, diz que vai fazer uma faculdade e que pensa em ser veterinária, paleontóloga ou bióloga.

Contexto: *Clarisse (C.)* foi entrevistada na escola durante uma aula vaga. A menina tem uma postura madura, sendo ponderada ao analisar os colegas e professores. Foi simpática e receptiva com as perguntas, analisando as atividades escolares conosco [e não apenas descrevendo] sua rotina ‘puxada’ de estudos. Fala sobre dificuldades de aprendizagem e expõe os motivos. Diz ser quieta na escola, mas admite não ser tímida. Diz estar muito cansada e quer que o “ano acabe logo”; quando pergunto sobre sua rotina, questionando se não tinha outras atividades, ela me responde que esse “é o único jeito”.

Clarisse

C. participou das duas entrevistas, quando conversamos com sua mãe na residência da família ela estava presente e complementou muitas informações. C. tem um irmão, com idade entre quatro e cinco anos. O pai é porteiro do edifício onde moram e sua mãe, faxineira diarista, que não trabalha todos os dias da semana. Eles moram em um apartamento do tipo quarto-sala neste mesmo prédio. A aluna tem quase 15 anos e sempre estudou no ensino público, sendo transferida de uma escola municipal, que comumente manda os alunos para a escola onde estuda atualmente, desde o sexto ano do ensino fundamental. C. nunca repetiu de ano ou mesmo ficou de recuperação. No sétimo ano, C. foi com a família para o Ceará, terra do seu pai e estudou por cinco meses em uma escola particular. A família voltou, segundo a mãe, porque o filho mais novo não se adaptou. Com o retorno da família ao Rio, C. voltou para sua antiga escola. Por este pequeno afastamento, C. nos lembra que não vai poder concorrer às cotas para estudantes do ensino público no ENEM, disputando as vagas nos colégios federais junto com os estudantes das escolas particulares. A aluna frequenta durante toda a semana um curso preparatório para o ingresso nas escolas federais, no qual sua mãe conseguiu um desconto de 55% no valor da mensalidade. Ainda assim, o curso pesa no orçamento da família. Antes de frequentar este curso, C. tinha conseguido uma bolsa parcial em um colégio particular no bairro onde mora, chegando a frequentar as duas escolas. No momento, além deste curso, a menina frequenta aos sábados, um curso oferecido por uma escola particular de qualidade reconhecida, para conseguir uma bolsa de estudos para todo o ensino médio. C. foi indicada pela escola para fazer este curso. Todo este esforço foi feito pensando no ingresso em uma escola pública federal ou em uma escola privada no ensino médio. Pudemos observar na casa de C. o engajamento da família para que ela pudesse ter um espaço para estudar, a sala de estar foi dividida e separada com uma grande estante, como uma parede. C. nos diz ter privacidade lá, onde tem uma mesa com computador e sua cama. Ela diz que como o espaço é apertado, a cama é o melhor lugar pra estudar, onde “pode espalhar os livros”. Sua comparação entre o curso preparatório e a escola é interessante, ela diz que na escola, os professores estão preocupados com os alunos, com o seu aprendizado e que no curso é mais “cada um por si”, com foco só nas provas. Sua dificuldade em matemática mudou depois da mudança do professor, que acompanhou sua turma por três anos na escola pública, segundo ela todos os colegas tiravam notas baixas, só aqueles que tinham professor

particular se saíam melhor. Com o professor atual melhorou, pois todos tem liberdade de pedir “pra explicar 500 vezes” e com as aulas do curso, teve ajuda para se recuperar na matéria. C. diz que faz muitas anotações em seu caderno e que não escreve só o que está no quadro, mas tudo o que o professor fala. Ela senta no fundo da sala, não por opção, mas devido a um mapeamento feito pelo coordenador pedagógico e nos diz conseguir prestar atenção nas aulas, mesmo assim. Ela gosta muito da escola e dos professores, dizendo se sentir ‘em família’ e que o que menos gosta são os colegas que prejudicam as aulas e que desrespeitam as pessoas. Este comportamento dos seus colegas acontece todos os dias e C. nos diz que costuma pedir para que fiquem quietos durante as aulas.

Anexo 7: Sínteses dos alunos entrevistados na escola privada

Contexto:Ingrid (I.) foi entrevistada na escola. Como proposto, conversamos com seu pai anteriormente, tendo esta entrevista sido realizada em casa, um apartamento duplex, situado próximo à escola. Na ocasião (um sábado de manhã), a menina não quis conversar conosco. O pai (pesquisador de uma empresa do ramo de gás e petróleo) ficou um pouco constrangido com a recusa e disse que depois poderíamos conversar com a menina na escola, frisando que isso só deveria acontecer com o consentimento dela. Ele comentou sobre uma possível dificuldade em entrevistarmos “os meninos desta idade”. Quando retornamos à escola para esta entrevista, a aluna foi chamada pela coordenação e quando nos avistou pareceu um pouco assustada (nos pareceu, devido a um certo constrangimento da recusa anterior), mas em seguida, ficou bem à vontade. Seus depoimentos foram feitos num clima de empatia e entusiasmo, aparentando gosto em descrever suas atividades e rotinas.

Ingrid

I. é uma menina de 14 anos, de comportamento doce e entusiasmado, é filha de um casal de engenheiros doutores e tem um irmão oito anos mais velho, que já cursa faculdade. Ela parece ter se tornado uma estudante mais dedicada nos últimos anos, tendo inclusive se destacado como uma das melhores alunas de sua turma em algumas disciplinas, como matemática, desenho e ciências. Na época da entrevista (outubro de 2011), ela tinha pontos suficientes para sua aprovação em matemática e faltavam apenas alguns décimos para passar em outras disciplinas. Ela se descreve como uma aluna ‘nerd’, que senta na frente em todas as aulas, fazendo todos os deveres requisitados e estudando muito em casa. Apesar de afirmar que nunca deixa de fazer os deveres, I. diz que três dias da semana não consegue fazer as tarefas, que costumam se acumular para o final de semana. Ela costuma estudar no quarto, em sua escrivaninha, à noite. Para os deveres passados pelos professores, costuma gastar cerca de uma hora para fazê-los, mas para o estudo ‘mais forte’ (véspera de testes e provas e outras leituras, livro recomendados, etc.) diz que fica mais tempo. Ainda em relação às tarefas de casa, conta com a ajuda do pai, que faz alguns deveres junto e que frequenta as reuniões e eventos da escola. Segundo o pai, I. tem se tornado uma aluna mais autônoma, requisitando cada vez menos sua ajuda e não fazendo mais questão de sua presença em alguns eventos escolares. Dois anos antes, no entanto, I. contava com a ajuda de um professor particular, que dava aulas toda a semana. A iniciativa do professor particular foi de seus pais, que achavam que as notas da filha estavam muito medianas e que os mesmos estando sem tempo “lançaram mão deste recurso”. Recentemente, ela disse aos pais que não precisava mais destas aulas. I. mora perto da escola e vai a pé, ainda assim, diz às vezes chegar atrasada, mas só um pouquinho depois do professor. Toda a semana vai ao curso de inglês e tem aulas de dança (jazz) duas vezes por semana, I. diz que não tem deveres de casa todos os dias e que as tardes livres que passa em casa, costuma ficar no computador, usando mais o facebook e um blog em que faz comentários sobre filmes e seriados que assiste. Ela fala com bastante entusiasmo desta última

atividade e diz que tem 400 seguidores. A menina resume seus dias mais puxados na escola como aqueles em que não tem aulas de artes, educação física, religião e desenho (geometria), que são tempos mais tranquilos e no caso de desenho, uma disciplina na qual sente mais facilidade. A descrição da dificuldade nas aulas parece estar associada à forma como o professor expõe o conteúdo e explica a matéria, como é o caso da professora de história, que ‘fala rápido’, sendo necessário ‘anotar tudo’ e ‘estar lá o tempo todo’, o que a seu ver, é muito cansativo. Suas pretensões para o futuro são terminar o ensino médio nesta mesma escola e mais tarde, estudar cinema.

Contexto: *Thais (T.) foi entrevistada em casa, logo após a entrevista feita com o pai (jornalista, que trabalha como tradutor em casa). No início de nossa visita, a aluna estava de saída para o curso de inglês, tendo retornado no final da conversa. O pai pergunta na nossa frente se ela nos concederia uma entrevista, e ela aceita. Em seguida, a mãe (oficial, tradutora na Aeronáutica) chega do trabalho. No momento que começamos a conversar, seus pais se retiram em sinal de ‘respeito a sua privacidade’, mas ao longo da entrevista estes emitem opiniões em voz alta de dentro da casa, demonstrando acompanhar a conversa. A menina é tímida, fala baixo e aparenta insegurança. Apesar disso, apresenta percepções enfáticas sobre colegas e professores. Admite ter um problema de relacionamento na escola, o qual não quis entrar em detalhes.*

Thais

T. é uma menina de 14 anos. Aparenta timidez e recato, demonstrando na sua fala alguns conflitos típicos de sua idade. Ao nos descrever suas rotinas escolares ela repete em diferentes momentos o seu esforço para suprir expectativas sociais e acadêmicas: “tento ser boa”; “tento ser legal”; “tento prestar atenção”; “tento tratar todos bem”. Apesar de tímida (não nos olha nos olhos durante a maior parte da entrevista), apresenta opiniões fortes sobre a escola, criticando a a postura conservadora em relação ao uso da internet e sobre o desânimo desconcertante que sente em algumas aulas: “a fala dele é muito lenta”, refere-se ao professor de Geometria; “temos que adivinhar as respostas que ela quer”, a respeito da professora de Literatura. Tem muitas críticas em relação aos professores e diz que somente a professora de História utiliza os recursos do site da escola em sua disciplina, compartilhando tarefas e slides, o que ajuda muito na organização dos estudos. Quando a perguntamos se se considera uma boa aluna ou se está entre as melhores da turma, T. nos responde que está, mas não em um sentido acadêmico estrito, entre aqueles que conquistam as maiores notas, mas na relação com as pessoas, no sentido de um bom comportamento. Apesar disso, T. expressa algumas angústias, diz que possui um grupo grande de amigas (em torno de oito meninas) e que fala com quase todos da turma, exceto duas pessoas, o que parece a ter levado a cogitar a mudança de escola. Este problema de relacionamento, que não foi revelado em mais detalhes, foi também sinalizado aos pais: T. disse que gostaria de sair um pouco da escola (por seis meses apenas) e retornar depois. Seus pais não acataram este pedido. A menina tem duas aulas semanais de inglês e aulas de violão. Ela nos confessa que nunca tirou notas tão baixas como recentemente, e que estas costumam ser em torno de 7,0 (sete). T. também nos diz que em alguns momentos, nos ‘dias mais carregados’

não consegue dar conta dos deveres e que nestes dias copia respostas de colegas, antes de o professor chegar à sala. Ela também nos admite que chega constantemente atrasada, mas no limite de tolerância aceito pela escola (cerca de dez minutos). T. tem consciência do investimento feito pelos pais em sua educação e diz que mudaria de escola no ensino médio, indo para uma escola pública federal, como o Colégio de Aplicação da UFRJ, por exemplo, sendo a gratuidade do ensino bastante considerada no sua argumentação. Quando entrevistado, o pai de T. identifica na filha alguns problemas de aprendizagem, particularmente uma dificuldade de interpretação, que considera uma característica geracional. Ele comenta sobre uma coleção de livros que guardou para a menina e o filho mais novo (Robin Hood, Júlio Verne, Moby Dick e outras coleções de livros de aventura que foram sucesso na sua época de adolescente). O pai no confessa certa frustração pelos filhos não apresentam qualquer interesse por estas obras. Sobre o futuro, T. admite ter desistido da intenção de cursar Arquitetura por conta da sua dificuldade em Geometria. No final da conversa, a menina nos pergunta sobre as formas de ingresso na PUC e se há gratuidade ou desconto para os bons alunos.

Contexto: a conversa com Amanda (A.) aconteceu na escola. Sua mãe (antropóloga e pesquisadora) foi a primeira a ser entrevistada. A aluna foi chamada pela coordenadora, enquanto nós a esperávamos em uma sala de reuniões. A entrevista começa de forma descontraída e a aluna menciona a entrevista que fizemos com sua mãe. Sua postura é de uma menina independente e segura. A conversa transcorre em tom descontraído e aluna demonstra tranquilidade e leveza ao caracterizar as rotinas, posteriormente demonstrou certo cuidado e ressalvas sobre possíveis julgamentos que poderíamos fazer sobre suas atividades e lazer.

Amanda

A. é uma menina que acabou de fazer 15 anos e nunca repetiu um ano escolar. Ela usa um uniforme estilizado, com a camisa da escola cortada. A. diz ter escolhido esta escola, dizendo que já tinha amigos que estudavam nela, convencendo a mãe que “tinha em mente outra escola” (uma instituição bilíngue, bastante reconhecida na cidade), na qual tinha estudado. Segundo a mãe, a opção pela escola atual se baseou na perspectiva humanitária e social oferecidas; e que apesar de não praticarem a religião, a família é católica, tendo, inclusive, uma tia freira. Filha de pais separados, A. mora com a mãe num bairro próximo à escola, e passa geralmente os finais de semana com o pai. Segundo a mãe, A. chegou a morar um tempo com o pai e a segunda esposa, mas já à alguns anos vive com a mãe, que parece estimular muito sua autonomia em relação aos assuntos escolares. A menina deve acordar sozinha todas as manhãs e para tanto, ficou responsável por acordar a mãe, que criou ‘esta técnica’ para que a menina não perca o horário. A mãe, no entanto, havia nos dito que tem um despertador programado dez minutos depois para garantir que a filha cumpra o horário. A. parece ‘estar no controle’ de sua rotina de estudos, dividida entre o curso de inglês e as visitas semanais ao dentista para a manutenção do aparelho. Ela nos

conta que recentemente tem gostado de estudar na biblioteca da escola, onde consegue passar um tempo bastante concentrada (“rende mais”, diz), por se tratar de um lugar no qual consegue não se distrair com outras atividades, em particular as redes sociais na internet. Semelhante mudança de postura é reforçada na entrevista da mãe, que diz que o comportamento da filha mudou, estando mais comprometida, fazendo os deveres, o que parece ter diminuído as dificuldades em matemática. A mãe afirma que a postura dela mesma também mudou em relação a escola, estando mais presente, se preocupando e perguntando mais sobre os estudos e que isso parece ter influenciado a melhora. A nos diz sempre ter compromissos aos finais de semana, geralmente idas à praia e festas de amigos. Apesar de não aparentar ter grandes dificuldades com as atividades escolares, em entrevista a mãe aponta para um problema em Língua Portuguesa. Devido a isso, A. pediu a mãe que pagasse aulas particulares nessa disciplina, tendo esta descoberto mais tarde que a aluna ‘conversava’ (pelo celular, através de mensagens) durante estas aulas na escola. A postura da mãe foi a de negar as aulas particulares e dizer que a menina deveria dar conta do conteúdo perdido. A. não se descreve como a melhor aluna, mas como uma estudante que consegue dar conta das atividades e que consegue notoriedade em algumas disciplinas. A relação da família com a escola é protocolar, tendo sua mãe afirmado que, devido à postura independente de A. e de certo comodismo de sua parte, foi estabelecida uma relação distante:” vinha apenas para trazer e buscar de festas, estava presente nas reuniões de pais e coisas do tipo”, diz a mãe. Hoje, a mãe diz buscar informações sobre o ensino e manter um contato mais próximo com a escola a fim de “cercear certos comportamentos e certas posturas em relação ao estudo e a escola”.

Contexto: conversamos com *Olga* (O.) na escola. A mãe (professora de Geografia e dona de uma creche) foi entrevistada anteriormente em seu local de trabalho. A menina não nos parece tão tímida, como na descrição da mãe, sendo sua fala bastante espontânea durante a conversa. As coordenadoras aparentaram não se incomodar em interromper a aula para esta entrevista, pois a aluna já era “considerada aprovada”. Durante a entrevista numa sala reservada, a menina descreveu com segurança detalhes sobre a rotina e sobre sua turma. A argumentação é de tom maduro e em alguns momentos aparenta discordar muito dos comportamentos de colegas, por causa de brincadeiras que caracteriza como *bullying*.

Olga

O. é uma menina de 14 anos, muito dedicada, considerada a melhor aluna da turma, cumpre todos os pedidos e tarefas e às vezes se sente excluída por conta disso. A fala da mãe reforça esta perspectiva, confessando-nos achar que exagerou nas exigências com a filha e que isso pode ter excluído a menina de estar mais próxima dos amigos. O. cumpre com tranquilidade tudo o que é exigido. Ela mora perto da escola e a mãe é dona de uma creche que possui convênio com a escola, mantendo uma relação profissional e por isso, um pouco mais próxima com a direção e coordenação. A aluna assume que possui uma

rotina diária de estudos, apesar de sentir que recentemente o volume de tarefas diminuiu. Há uma espécie de crise de expectativas, mãe e filha às vezes parecem não saber como se comportar em relação a determinados assuntos porque assumiram um comportamento de cumprir todas as regras da escola, muitas delas que não são vivenciadas pela maioria dos alunos. A mãe percebe que estas exigências, que estariam dentro do que a escola proclama, podem estar prejudicando a vida social de O: a ida ao cinema com as amigas, que ficam à tarde no reforço da escola, os elogios em público dos professores, entre outros comportamentos que afastariam a filha dos demais. Apesar destas questões, O. diz gostar muito do “jeito descontraído da escola”, dizendo que curte muito os recreios, da rádio e da vida cultural que a escola promove: o coral, o grêmio. Quando peço pra O. nos contar como ela é na escola, se resume como ‘certinha’ e diz que faz todos os deveres, que naquele ano não tinha deixado de fazer nenhum e que anota tudo o que os professores falam, e que por esse motivo, seu caderno é muito requisitado pelos colegas nas vésperas de provas. Ainda assim, O. diz às vezes não se sentir à vontade para fazer perguntas ao professor. A menina assume ser como é por causa da sua família, da forma como foi criada e que a escola é mais dinâmica comparada a outras escolas da cidade, citando como exemplo deste dinamismo a forma como os professores ensinam. Apesar disso, em sua análise sobre o colégio diz que poderia haver mais passeios e aulas ao ar livre, em museus, que isso é muito bom e que os alunos aprenderiam mais assim. Os problemas de relacionamento são ressaltados de forma indireta, ela diz que a turma, mesmo sendo ‘amiga’, exagera em algumas brincadeiras, o que acaba por excluir algumas pessoas. E isso parece inclui-la se levarmos em conta o seu depoimento e de sua mãe sobre uma viagem que a turma faria, por exemplo. Nem todos poderiam ir e foram sorteadas algumas pessoas, por medo de seu grupo mais íntimo não ser sorteado, O. não chegou a se inscrever para este passeio, por medo de não conseguir se relacionar bem com quem fosse. Esta atitude foi apoiada pela mãe. Mesmo considerada uma aluna excelente, questões de relacionamento preocupam O. e a família, que ainda assim preferem não envolver a escola no assunto, dizendo que a menina deve ter habilidades para resolver estas questões sozinha.

Contexto: Carlos (C.) foi entrevistado em casa. A mãe (jornalista, editora em um jornal de grande circulação) foi entrevistada no local de trabalho e autorizou com boa vontade que entrevistássemos o filho. O menino é filho único e estava em casa com a empregada no dia entrevista e ele mesmo nos recebeu. O menino é bastante tímido e tem um aspecto ‘infantil’. Em alguns momentos, ele faz uso de palavras que alguns adolescentes de sua idade costumam não usar mais, como por exemplo, dizer “brincar [e não jogar] videogame”. Ele descreve com tranquilidade a rotina escolar, nos mostrando o material de escola.

Carlos

C. tem 14 anos, é um menino tranquilo e simpático. Ele mora com o pai e a mãe, os avós também vivem no mesmo prédio que ele e que são bastante presentes. C. tem um irmão mais velho, de 19 anos, fruto do primeiro casamento do pai, com

quem tem um contato próximo, apesar de não morarem juntos. C. é um menino sem grandes problemas na escola, mas não é considerado um aluno muito dedicado pela sua família. Segundo sua mãe, é um aluno que estuda pra passar. Ele tem um grande interesse em música e toca diversos instrumentos, mas principalmente guitarra e violão. C. tem aulas particulares de guitarra em casa e frequenta uma escola especializada. Tem dificuldades em matemática, desenho e português, costumando ter aulas particulares destas disciplinas. Os pais são jornalistas e não costumam ajuda-lo com os deveres de casa, mas combinam entre si as aulas particulares para o filho. C. frequentou aulas de reforço na escola, inclusive aos sábados, mas não gostou. Sobre esta questão, contou também com o apoio da mãe, que nos falou sobre como considera o excesso de conteúdo e de disciplinas um desperdício grande de tempo do filho. Ela disse também que, por este motivo, C. não faz um esporte de forma sistemática como gostaria, apenas joga futebol no recreio com os amigos. As matérias preferidas de C. na escola são Literatura, Inglês e Geografia. Ele é um leitor ávido, segundo a mãe, que diz que ele não tem dificuldade em ler e entender os ‘clássicos’ sugeridos pela escola: A Odisseia, Mil e Uma Noites, Dom Quixote. A mãe nos fala sobre o desinteresse do filho em frequentar as aulas e que ele acaba cumprindo as atividades, sem grande entusiasmo. Apesar disso, nos relata como o filho é inteligente, articulado, tendo opiniões sobre muitas coisas e que se mantém informado lendo muito e vendo televisão. A mãe de C. acha que a escola é um pouco responsável pelo filho ter se tornado crítico e não ter problemas em expor opiniões. C. acha ‘pesado’ aqueles dias em que “não sai da sala de aula”, com disciplinas como matemática, português, história sem intervalo. C. tem uma aparência infantil e parece ter menos de quatorze anos, quando nos descreve as atividades, diz que costuma ainda ‘brincar’ de videogame com os amigos ou ir para a casa deles ‘só pra brincar’ – expressão que costuma ser evitada por meninos desta idade. Os amigos da escola são de longa data, e estudam com C. desde o início do ensino fundamental. Ele não costuma estudar nos finais de semana, mas devido às disciplinas de segunda-feira “passarem mais tarefas”, tem feito os deveres aos domingos à noite. C. diz que passa boa parte do dia no computador, em páginas sobre música, estudando cifras e lendo artigos relacionados. Ele diz não usar o computador para estudar e que prefere ler textos longos no papel.

Contexto: Vicente (V.) foi chamado para a entrevista durante uma aula, pela orientadora educacional. Esta já havia conversado com ele anteriormente sobre o seu baixo desempenho nas disciplinas. Há risco de ele repetir o ano. Quando o aluno se aproxima para conversar conosco, parece um pouco intimidado. Explicamos rapidamente nossa intenção com a pesquisa e o aluno parece ter relaxado, mas apenas um pouco. O tempo todo pareceu apreensivo, como se devesse algo, como se pudesse ser repreendido a qualquer momento.

Vicente

V. tem 14 anos, é um menino bem tímido e tem uma aparência ‘infantil’. V. tem passado por muitas dificuldades na escola, seu rendimento não está bom e ele aparenta estar triste e preocupado com suas notas. Ele também quase foi reprovado nos dois anos anteriores. V. vive com seus pais e moram perto da escola, ele tem dois irmãos do primeiro casamento do pai, que são mais velhos, um com 24 e um com 26 anos. É reconhecido pelos professores e pela mãe como um menino inteligente e como um excelente leitor, bastante ‘atenado’ com o que acontece no mundo. Segundo sua mãe é capaz de ler um livro de 200 páginas em um dia, mas ainda não construiu uma rotina de estudos que o faça alcançar boas notas. V. nos conta que têm dificuldades para organizar o caderno e as fichas de deveres, que se sente disperso na sala de aula e que costuma ficar nervoso durante as provas. Apesar disso, V. diz que não sente que tem dificuldades para aprender e que quando se concentra e presta atenção consegue se sair bem nas avaliações. No momento, ele mudou sua estratégia de organização, passando a usar um fichário. A dispersão em casa também parece ser um problema para a execução das tarefas, ele descreve seu quarto como um ambiente em que se distrai facilmente, com o computador, a televisão, videogame e os muitos livros e revistas que tem por lá. Quando faço perguntas sobre o videogame. V. me diz que costuma jogar todos os dias, mas em um horário específico, que dura cerca de uma hora e que costuma respeitar. Sua atividade semanal extraescolar se resume ao curso de inglês, frequentado duas vezes por semana, portanto, V. não tem uma agenda muito cheia. Ainda umas das fontes de dispersão, é o bate-papo com os amigos pelo computador, sendo este um dos aspectos reforçados por sua mãe. V. confessa que não faz todos os deveres e que se concentra naqueles que vale mais ponto na média. Recentemente se desorganizou em sua rotina, pois com a recuperação que deveria ser frequentada à tarde, passou a faltar algumas aulas da manhã e perder exercícios importantes e que valiam nota. Por esse motivo teve um desentendimento com a professora de História, mas diz que já estava tudo bem. As expectativas da mãe (advogada, procuradora pública) de V. sobre sua educação e seu futuro não estão essencialmente voltadas para o vestibular e para o ingresso em uma faculdade pública, ainda que isso seja considerado importante, mas para a construção de valores e para uma formação mais humanista e que englobe outros aspectos da vida e outras habilidades. A mãe de V. tem consciência de suas dificuldades e contratou um professor particular de português e matemática para ajuda-lo. Ainda que ele apresente dificuldades em

outras matérias, a mãe de V. acredita que nestas disciplinas o menino deva tentar se recuperar sozinho. Como não tem muito tempo para estudar com V. e pelo fato do menino, apesar de não esconder suas dificuldades e informações sobre a vida escolar, atitude inclusive elogiada por sua mãe, a principal estratégia da família para ajuda-lo é a conversa, o diálogo sobre sua postura e o engajamento que deve ter como estudante. A mãe de V. também nos diz que uma atitude de aproximação mais concreta, como a ajuda em alguma tarefa, é constantemente recusada.

Contexto: a conversa com Fábio (F.) aconteceu na escola. A mãe (juíza do trabalho) de F., que foi entrevistada em casa, autorizou sua entrevista. O menino foi entrevistado na sala da coordenação, sendo requisitado durante uma aula, uma das coordenadoras hesitou em chamá-lo, pois ele não deveria perder mais uma aula de português, uma disciplina em que apresenta dificuldades. O aluno conversou conosco com certo tom irônico (sem ser ofensivo) e de brincadeira. Pareceu muito sincero em seus depoimentos, analisando sua trajetória escolar fazendo comparações entre as escolas que frequentou. Parece à vontade e feliz na escola, apesar de confessar se sentir injustiçado em alguns momentos.

Fábio: *F. é um menino de 14 anos, que está na escola há menos de um ano, tendo cursado a maior parte do ensino fundamental em uma escola situada na Barra da Tijuca, bairro onde residia desde a infância com a família. Filhos de pais separados, F. mora com a mãe, o padrasto e uma irmã em um apartamento amplo na Lagoa. O pai é ex-aluno de sua atual escola, um dos motivos desta escolha. O padrasto tem outras duas filhas, que frequentam sua casa durante a semana. Sua fala reflete uma comparação entre as duas escolas que frequentou, tanto em termos dos conteúdos disciplinares, quanto da relação com os colegas e professores. Para ele, a escola em que está é ‘mais forte’ e os colegas mais ‘interessantes’. F. é um menino muito descontraído e falante. A mãe nos conta que o filho se envolveu em episódios de bullying na escola anterior e que a família toda aprendeu muito com esta experiência. Quando fez o exame admissional pra entrar na escola foi recusado, tendo seu pai ‘não aceitado’ este resultado e insistido com a direção para ele ser aceito. Ao conversar com sua mãe, esta admite que F. é um aluno mediano, mas não ruim e que estranhou a recusa inicial, pelo fato dele se sair bem na outra escola e de nunca ter repetido de ano. A mãe ‘assume’ a percepção do filho de que ‘estudar é chato’ e que apesar disso, estudar pela proposta e perfil desta escola particular seria menos chato. Os pais (divorciados) parecem dividir bem as responsabilidades no acompanhamento da escola, se revezando na ida às reuniões, no encaminhamento a professores particulares, etc. A cobrança em relação ao futuro, associada ao rendimento escolar não é algo rigoroso na família, tendo este aspecto sido reforçado no comportamento irreverente do menino durante a entrevista. Sua mãe diz não cobrar notas e não medir o conhecimento por estes valores, nem tampouco exigir o ingresso em uma universidade pública, por exemplo. Este conjunto de percepções menos ambiciosas em relação à experiência escolar, aliada ao perfil da escola, de não impor regras, de fazer os meninos pensarem, parecem moldar uma relação mais tranquila e menos ambiciosa em relação ao*

rendimento escolar. Apesar de assumir algumas dificuldades, diz que o caderno é organizado e que copia tudo que está no quadro. Ao descrever sua rotina, deixa clara a distinção que faz entre algumas disciplinas, associando isso à postura do professor, dizendo que em algumas matérias “tem que copiar mesmo” e que anota o que o professor fala só quando a matéria é importante. Quando questionado sobre a relação com os professores, F. demonstra perceber as baixas expectativas que os professores têm sobre ele. Para ele, parece ser difícil encontrar palavras para ilustrar a relação diferenciada que um aluno do seu perfil (menos compromissado) tem com os professores. Sobre isso assume que tem vergonha de fazer perguntas para o professor, que foi traumatizado por um professor de matemática, no 5º ano e que prefere perguntar aos colegas quando tem dúvidas, apesar de conosco não demonstrar vergonha em nenhum momento.

Contexto: *Rodrigo (R.) foi entrevistado em casa. Num primeiro momento, conversamos com sua mãe (nutricionista), que em seguida autorizou a entrevista, parecendo entusiasmada porque duas pesquisadoras (professora) iriam conversar com seu filho. Desde o início da conversa, o menino assume suas dificuldades e o pouco estímulo que sente para estudar. Não acha a escola interessante, e de certa forma, reproduz as percepções de sua mãe sobre o ensino, que considera atrasado e com conteúdos desnecessários, se comparado com o de outros países (Estados Unidos e Canadá). Apesar de aparentemente tímido e mostrando alguma dificuldade pra falar (uma gagueira, que já havia sido mencionada por sua mãe), seu tom de voz é um pouco pedante e desafiador.*

Rodrigo

R. tem 14 anos de idade e mora com a mãe e dois irmãos num bairro próximo à escola. Os pais se divorciaram a dois anos e pelo relato da mãe, R. tem reagido bem a separação. Ele tem dificuldades na escola, principalmente em Português e Matemática e costuma ter aulas particulares destas matérias em vésperas de prova. R. frequenta aulas de piano em uma escola estadual reconhecida pelo ensino na área da música. Além de frequentar esta escola duas vezes por semana também tem aulas particulares de guitarra em casa. O curso de inglês também é frequentado duas vezes por semana. A atitude em relação à escola é blasé, pois R. admite não ver sentido em muitos conteúdos que a escola ensina, considerando algumas aulas “perda de tempo”. Durante conversa com a mãe, a mesma parece concordar com esta perspectiva. A agenda semanal parece não ter tempo reservado para a execução dos deveres de casa e a estratégia mais comum, nas vésperas de prova, e principalmente quando é necessário conseguir maior pontuação é recorrer ao professor particular, que já é conhecido pela mãe e íntimo da casa. R. é um aluno com bom relacionamento na escola, a mãe nos conta que ele sempre foi querido pelos professores, por se relacionar bem com todos e com os colegas, mas que sempre foi um aluno com notas de medianas a baixas. Quando questionado se repetiu alguma série, nos conta que quase repetiu o oitavo ano, tendo sido sua maior dificuldade a gramática e o seu excesso de regras. Suas disciplinas preferidas são inglês, geografia e história. R. diz que na

sala de aula se senta no fundão “junto com a bagunça” e que seu comportamento na sala varia de acordo com seu humor, prestando atenção na aula algumas vezes e outras não. Não gosta de fazer perguntas diretamente ao professor quando está com dúvidas, preferindo perguntar ao colega do lado. A execução das tarefas de casa também não é uma rotina diária, R. diz que quando não faz, não costuma copiar as respostas de algum colega quando chega à escola e que prefere admitir ao professor que não fez. Os dias mais pesados pra ela na escola são aqueles em que não pode sair da sala de aula, com uma sequência de tempos no mesmo ambiente. Estes dias são aqueles em que não há aulas de Educação Artística ou Educação Física. Ele diz não se dar bem com os professores de História e Português, por achar que estes professores são grosseiros no jeito de falar. Outra reclamação refere-se às avaliações da professora de Matemática, por cobrar durante avaliações um nível maior do que o ensinado nas aulas. Apesar de dizer que gosta da escola e que não a considera rigorosa, R. diz que pensou em mudar de escola, mas que não encontrou nenhuma que lhe agradasse. Seus interesses estão muito voltados para a música, com intenções de estudar no exterior algo relacionado, ele diz que pensa em montar uma banda e que com certeza deve cursar uma universidade, mas não sabe ainda qual seria.